

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº50 - MAIO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME IV
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa **50**



NOTAS SOBRE LITERATURA E ARTE

ALBERTO LINS CALDAS



ALBERTO LINS CALDAS

Professor de Teoria da História - Centro de Hermenêutica do Presente – UFRO

www.unir.br/~caldas/Alberto - caldas@unir.br

NOTAS SOBRE LITERATURA E ARTE

"A verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, conseqüentemente, a única vida plenamente vivida, é a literatura." (Marcel Proust)

1 - Qualquer tipo de arte, principalmente depois do século XX, pois nele o individual pode se expressar aparentemente fora do cânone, gera uma forma de artesão ingênuo que pensa que aquilo que faz é arte. Ao mesmo tempo cria um público ingênuo, quem admira, compra e incentiva o artesão como se ele fosse artista e como se aquilo que ele produzisse fosse arte. Essa "dupla dinâmica" existe em todo o lugar que tenha criado algo chamado arte. É essa "dupla" quem move o "mundo da arte", pois no seu movimento está a reprodução do mesmo, do de sempre, do conhecido e já devorado, o que foi transformado em esquema reprodutível, aquilo que foi apascentado e retirado do terrível que é a arte, se tornando um pastiche inofensivo. É esse pastiche inofensivo que é continuamente reproduzido como arte e é admirado infinitas vezes pela massa dos admiradores, principalmente porque, sem o saber, esses admiradores são outra grande invenção do século XX: eles são a Massa, um dos horrores desse século que conduziu um ciclo de crenças mas não de tolices.

Nascendo e crescendo com uma arte que parece fácil: "simples coisa de criança": "qualquer um faz": "é a minha forma de ver": o artesão inicia um exercício aleatório que ele mesmo e seu nascente público chamará de música, pintura, escultura, poesia. Como se parece com o já feito, se torna também da mesma natureza daquilo com que se parece. Esse espectro mole torna aquilo que o fez um artista e quem o admira um conhecedor. A Massa gera sua arte extraíndo da arte aquilo que a torna terrível, a torna única, a torna a conquista de uma linguagem, de uma intensidade, a resultante de mil caminhos anteriores superados e retorcidos. A arte da massa reproduz o visível desse resultado sem ir além, o que seria fazer arte. E isso ela não pode jamais fazer. Seu movimento é para traz e não um movimento intenso para um além do existente. Sua carapaça é nacionalista (leia-se também regionalista) e facistoide. É, sobretudo, burra, despreparada e com a arrogância do desconhecimento.

2 - O libertino não é aquele que tem bons costumes, o que inspira bons costumes e doutrina a moral, o obediente, o pio. O libertino escreve e lê a libertinagem: ele desdobra a libertinagem, o não querido por "fora dos panos" mas o desejado por "dentro dos panos". O libertino pode se dar o direito [ele mata também sem se dar ao direito, longe dos direitos] de *matar* o outro para o seu prazer e esse direito não emana de uma permissão, de uma concessão, de um respeito a uma ordem constituída: o libertino constitui sua ordem e essa ordem se esgota na expectativa, no prazer e no gozo: sua vida é se libertar libertando o outro dos seus *limites* [os *cordeiros* têm horror-pânico ao liberto-lobo que lhe devora o bolo].

O libertino afasta, dilui, destrói os limites. Faz fluir os limites: o limite não é o texto, não é o corpo masculino, feminino (todos dois são performances de papéis sociais travestidos de gênero natural ou cultural) ou homossexual (outra performance): o limite para o corpo não é nenhuma das novidades velhas: formicofilia, amalgatofilia, anastemafilia, autopederastia, ecouterismo, frottage, higrofilia, misofilia, acrotomofilia, zoofilia, dendrofilia, enema, tafefilia, necrofilia: também performances de discursos e de possibilidades de corpo, de desejo, de deslimite, de desrespeito: o limite é a melancia e o além da melancia; o tronco da bananeira, a banana, a cenoura e o além dos vegetais, além da brecha e da aresta das pedras.

Restam todos os limites sonhados no desejo: e o texto é bem mais que um corpo: o texto é um corpo de papel e tinta ou bits ou qualquer coisa que possa multiplicá-lo: é um corpo de desejo negativo. Para o libertino a *grafia* (texto e pré-texto) é *porno-grafia*. [Nada mais querido e desejado que a pornografia e a obscenidade e nada mais negado e escondido [a sedução do lobo: ver e viver e desejar aquilo que vê, deseja e vive o lobo]: há sempre muitas coisas sobre o pornográfico: ele é algo esmagado sobre outras coisas: escondido. Dos textos do mundo nenhum é mais pornográfico que aqueles da literatura: transgressão viva dentro da linguagem que se põe a gozar, para nada, por safadeza, por pura maldade, por perversa-idade ["Quem ri quando goza/É poesia/Até quando é prosa" (Há lice? Who is): há uma ofensa maior que *escrever*? Kafka assim feria o pai.]

A *porno-grafia* é uma linguagem trans-a-gressiva: é um constante levar ao limite, um intermitente afastar os limites, é um des-velar, mas o ve-lar do des-velar se faz no limite e no se afastar do limite e não num simples en-cobrir. O ve-lado do porno-gráfico é o mais des-velado dos en-cobertos: é o des-velado que não cessa de se des-velar e des-ve-lar seu próprio velamento: e seu prazer, e seu gozo ad-vém deste des-cobrir.

O libertino é obsessivo e obsceno. Até mesmo a *normalidade* é para ele uma trans(a)gressão. Sem a trans(a)gressão não há libertinagem, não há leitura, não há interpret-ação. Sem a pele, sem o buraco da fechadura, sem o esgar de prazer, sem a palavra rasgada em sua normalidade, não há o libertino. O libertino é aquele que vive com a con-tr-adição, com o i-lógico, o para-doxal, o des-medido: seu fluxo é criar textos para nada, para o gozo, para des-dizer, para contra-dizer: o seu é um dis-ser.

A Literatura está sempre longe da libertinagem. Como palavra da ordem, é palavra disciplinada. A *literatura* é pura libertinagem. O escritor escreve a Literatura enquanto o libertino deixa passar a *literatura*, simplesmente para seu gozo e de quem quiser ouvir.

3 - Há um engano de "leitor", ou consumidor, normalmente sem conseqüências para eles, que, naqueles que querem se tornar escritores ou poetas, é um desastre sem medida. O erro é pensar que a obra literária nasce da mesma maneira como a encontramos, pronta para ser consumida, nas livrarias, nas bibliotecas, na internet, enfim, no texto. Esse engano é mortal.

Uma obra nasce de várias maneiras, mas vejamos uma delas, a que me diz respeito e a da qual posso falar. Em poucos e fulminantes dias se forma, exteriorizada, uma massa coerente, legível, insuficiente; uma teia sutil e bruta, articulada, mineral e pulsante. Não tem ainda coração, ossos, sangue, veias, cérebro, olhos, língua e, completamente, uma alma que a diferencie do mundo e das outras almas (nossa missão será criar, simetricamente, o universo de uma

alma). É uma coisa viva, que respira, mas não fala; geme e grita mas não pensa; tem uma forma mas não é ainda uma espécie; não pertence, só subsiste; assimétrica, exige simetria. É a partir dessa matéria inicial, que nos consumiu semanas de puro deleite, gozo, cansaço e alegria, que se iniciará o trabalho doloroso e gratificante de transformar aquela substância opaca, ainda sem todas os componentes e sem o devido polimento, sem órgãos e galerias, sem multiplicidades, numa obra literária. Passamos do momento criador, aquele onde o escritor plasma sua matéria, ao momento de um tipo de leitor, corrigindo, acrescentando, cortando segundo uma perspectiva que não pode ser a mesma do escritor inicial. Enquanto o primeiro cria, o outro transformará essa substância, dando-lhe vida, história, alma.

Esse texto inicial, a quem o leia, pode parecer um texto normal, inteiro, pronto, mas ali está somente um feto ou um quase feto em formação. Algumas células multiplicadas, alguns tecidos, carnes, músculos. Falta todo o resto. Enquanto a grande maioria dos literatos e poetastros provincianos, nesse momento, abortam essa substância, essa coisa quase viva, pensando e convencendo os tolos em volta que aquilo é uma obra, o escritor começa seu prazer, sua virtude, seu deleite em criar a obra literária [do vômito ele parte: transformar dejetos em alimento].

A quantidade e a qualidade do trabalho do escritor sobre essa massa inicial é o que vai definir seu valor literário, sua qualidade de "texto literário". Esse trabalho vai unir veios dispersos e não concluídos das tradições literárias, realizando-as; vai torcer o que estava simetricamente mofando e simetrizar o informe dessas tradições; vai superar o apontado por essas tradições e inovar, como se essas mesmas tradições não existissem, vai articular os pontos futuros que realmente aquele texto conseguiu reunir.

É a leitura de toda uma tradição literária, extensa, profunda e repetidamente, na verdade a formatação de uma filosofia, de uma estética e de uma visão de mundo, que definirá os parâmetros da ação literária na formação do texto, sendo constantemente alargada, senão será somente um fóssil inútil. A textualização, que criara a obra a partir do "informe", não é uma correção, um complemento, mas uma reescritura estratigráfica pondo a escritura na sua maneira de existir em devires e o texto com um espírito que o porá livre e fora da vida do autor, da tradição, dos leitores e de uma interpretação unidimensional. O trabalho literário conquista para o texto inicial a liberdade que somente um texto literário pode desejar. E essa liberdade de corpo maduro [passado e semente], essa plenitude diante de si mesmo e do mundo, é o maior resultado diante daquele magro e incompleto texto inicial.

4 - A palavra silenciosa da morte, ou a palavra do Caos, o que vem exatamente a desaguar na mesma água. As palavras não significam absolutamente nada. Não são coisas, não são significantes e muito menos almejam a estranha dignidade de serem significados. Não são mais palavras. Conquistaram a dignidade de serem entendidas ou sentidas como um tecido muito fino que nada significa: elas deixam passar somente o múltiplo e perverso frio da existência do outro lado do tecido. Elas, as palavras, são apenas frágeis biombo rasgados, furados, partidos, vergados. A verdadeira literatura não se faz com palavras: ela cria frágeis biombo para que o imenso calor ou o terrível frio ou o imenso vazio ou o completamente cheio e arestoso do outro lado não nos sidere, não nos cegue, não nos degole, não nos cale, não nos imobilize: o tipo de artista a que nos referimos é aquele que, morto para as palavras que constrói, que cria, que ensina, que repete,

que estrutura, extingui as palavras e em seu lugar põe o biombo que instaura a literatura: ele é um libertino das palavras: através dele flui o nada que nos faz sentir o nada por baixo do existir, o silêncio antes e depois do sentido, as vagas nulas do antes da vida e do depois da vida, os choques de virtualidades ensandecidas dentro dos sonhos: sem essa morte não seria ele aquele que põe a palavra em seu devido lugar: o lugar nenhum de todos nós: se não fosse assim não sentiríamos por trás, antes, entre e depois dessas palavras o *mysterium tremendum et fascinans*: somente sua morte e o desaparecimento material e espiritual das suas palavras é o que garante a presença, bem junto, sempre colado e sempre distante do *mysterium*: os escritores e os poetas que ainda estão vivos e que trabalham palavras materializadas podem somente repetir a palhaçada dos gêneros, dos ritmos, das musicalidades, das formas, das agradáveis e esperadas mesmas coisas: e nos alegamos com essa morte e com esse cadáver que persevera: isso prova que nada está ainda irremediavelmente corrompido: no meio do legítimo nada, entre lama e rios de lama, cercados por mil desertos, perfurados por mil mediocridades gritantes e sempre certas, um libertino caminha morto entre nós gerando no caos frágeis biombos que silenciosamente sussurram que ainda estamos vivos.

5 - A arte não vem da "realidade circundante": a arte vem das entranhas [as entranhas: o fundamento: os fluxos cristalizados de linguagem que entendemos como mundo: os fluxos vivos que geram e formatam o existir: a maneira do "nosso" existir], e isso não é provinciano, não é de uma rua, de uma casa, de um barzinho. Mas também não é universal: todo universal é uma forma de imperialismo, de religião devorando tudo, apagando todos os passos singulares. A arte é a resistência dessas singularidades: a arte cria guerrilhas contra o mesquinho pensar pequeno, do querer de shopping Center, do fazer medroso, dos tristes buraquinhos de vermes terrestres. A arte é uma guerra contra o mundo.

Todo artista é um extraterrestre, um ser nojento, infeliz, metafísico e louco para penetrar onde não é chamado. O infinito é sempre menor e o mundo não cabe em nossa boca.

6 - A Poesia, normalmente, é reacionária e o Poeta um lambe-botas. Isso porque a Poesia é uma maneira cristalizada de dizer, de manipular palavras, sons, musicalidades, imagens. O Poeta cria a Poesia como um bichinho de estimação, um animal treinado que sabe dar cambalhotas, algo amestrado, domesticado e sempre o mesmo. Exercita um "gênero literário": para ele existe Poesia e Prosa. E a Poesia existe através da estrofe, do verso e do ritmo. Por isso a Poesia é reacionária: o Poeta é aquele que além de reverenciar o hino nacional, chorar com a bandeira e achar que o "parnasianismo" é o máximo, retém a possibilidade de fluxo multidimensional da *poesia*, fazendo parte daqueles que estão sempre em volta do poder, das maneiras estereotipadas de dizer, sentir e pensar. O Poeta não consegue entender nem o *poeta* nem a *poesia*: ele consegue somente reproduzir uma coisa asquerosa chamada Poesia (os minimamente atentos já notaram que uso o maiúsculo e o minúsculo para dizer coisas diferentes com a mesma palavra).

E toda "província" tem em exagero essa perversão poética tanto da *poesia* quanto do *poeta*, para não falar do excesso de Poetas. Mas não é por maldade não: é por burrice mesmo, ignorância e falta de coragem. Mas essa realidade não é hegemônica, não inclui todos, mesmo que o restante não chegue aos dedos de

uma mão. E isso é um prêmio à inteligência. O nascimento tanto da poesia quanto do poeta é um acontecimento da inteligência, uma festa, uma conquista do além da palavra e da imagem.

Não haver na poesia a frouxidão, o sentimentalismo besta, a ignorância patente, a mesquinhez de palavras, a não superação do mais reles cotidiano, a expressão de uma vidinha pequeno-burguesa, a falta de consciência literária, de leitura, de vida e de tragédia. E sim o que há de mais intenso, mais compacto, mais vívido e vivido. O que se formata ali deve está bem além das palavras.

A *poesia*, como a *prosa*, não se faz com palavras. O Poeta é que se engana com o visível, o palpável: nenhuma legítima *literatura* se faz com palavras ou sentimentos ou emoções. A *literatura* é a criação de um *hipertexto*. É das múltiplas dimensões textuais compactadas num minúsculo espaço formal literário (o poema), que a leitura deve desdobrar, quadrimensionalizar palavra, signo, sentido e significado, pondo a fluir as várias dimensões, as várias vidas, as várias literaturas, os vários textos postos em movimento, e só assim o leitor terá o universo que os poemas podem gerar. Esse movimento de entendimento do texto é dado pela leitura.

7 - Há os ratos brancos da arte: aqueles que ficam dentro da garrafa de vidro no laboratório, comendo ração e pensando seriamente que o mundo, que aquele espaço branco onde às vezes um ratinho branco é brancamente sacrificado por aquelas sombras também brancas, é o horizonte visível; mas há, para nosso sabor, as ratazanas de esgoto dentro do largo mundo sem fronteiras. Essas sabem que o mundo é cruel, melancólico, perverso, ilusório, temporário, feito de esquecimento, tolice e dor; e que é preciso correr em busca da comida, do sonho, do desejo. Os primeiros, os ratos brancos, desaparecem como vapor dentro do tempo: são os artistas que pensam que são artistas: infestam os laboratórios com sua arrogância de salvadores da raça: desaparecem na hora da morte: não deixam nada: nada significam: todo significado foi somente moda; mas existem as ratazanas: são os verdadeiros artistas: os que sabem que o mundo é um dejetos perigoso mas que é nesse lixo que está o significado sem significado da sua vida: elas, as ratazanas, ou eles os artistas, que formatam nosso existir: dão-lhe sentido e álibi.

Mas enquanto o artesanato dos ratos brancos existe, é mercadoria desde o início, coisa feita para brilhar e reproduzir, a arte das ratazanas é somente aquele líquido negro que escorre dos lixões. É uma arte que atravessa o mundo e se derrama inutilmente pela terra. E mesmo que transformem esse líquido novamente em água cristalina e à venda como água mineral, ainda assim o seu percurso não se apaga.

8 - Alguns artistas, na verdade artesãos, passam a vida inteira engalfinhados com formas batidas, idéias repetidas; com uma atitude diante do mundo que em nada difere da maioria dos espectadores do mundo em seu trabalho de formigas. O artista de verdade é aquele que se perde dos limites, desrespeita a tradição, inicia uma modalidade de ser e ver o mundo. Enquanto o escritor inicia uma *vaz* o pintor cria um novo *olho*. Essa a grandeza do artista: criar outro corpo dentro do corpo normal e aceito como um verme dentro da fruta. É ele quem gerenciará esse novo e estranho corpo. E há artistas que não conseguem isso simplesmente por

uma covardia inerente ao homem comum e que em vez de ser vencida é continuamente justificada (coisa que o homem comum não faz: ele simplesmente vive como uma ostra na pedra: somente o artesão que pensa que é artista consegue a tolice de justificar sua incapacidade em se tornar um artista).

9 - A aquele que se diz escritor e a aquele que quer ser escritor, normalmente falta paixão; falta intensidade; falta devoção aos livros e aos livros que só podem vir através dele; falta uma luta diuturna querendo revelar a "natureza humana": nós e os outros; falta querer criar uma obra que intensifique o mundo, a consciência, o sonho, a percepção e a liberdade sem limites do indivíduo; falta disciplina para conquistar o desejado; falta uma crença raivosa, indignada, rebelada contra pai, mãe, família, pátria, bandeiras, deus, sentidos e significados; falta criar seus próprios padrões formando seu gosto; falta criar e exercer uma consciência crítica; falta uma loucura intensa e ininterrupta; falta ler profundamente; falta o isolamento silencioso que isso exige e que filhos, mulheres, pais e amigos não entendem e destroem como vermes a um pedaço de carne, sempre dando "boas razões": nada mais perigoso para um escritor do que a família, o círculo medíocre dos amigos e o entorno do mundo do trabalho e do lazer; falta, mas esse saber é inútil. Quase todos os que escrevem são apenas covardes da emoção, covardes da escrita, covardes da loucura, covardes da memória, covardes da missão, covardes da palavra, covardes da vida, covardes do ritmo, covardes do sentido, covardes do sentimento, covardes do silêncio, covardes do tempo, covardes da visão.

Como o chamado escritor pode se abster de tal aventura, a aventura real da literatura, sempre pondo sua vidinha de "classe média", suburbana e nacional "em texto"? Como não sentir profundamente que a verdadeira literatura engrandece a vida e essa literaturazinha brasileira de terceira categoria que sequer diz ou pode dizer sua alminha provinciana ou sua regiãozinha, são pastiches medrosos que somente envergonham quem a faz e quem um dia por acaso encontre besteira tão desnecessária.

Como não sentir a literatura como um conhecimento, e o mais perfeito mecanismo de autoconhecimento, capaz de nos tornar mais vigilantes em relação a nós mesmos, ativando nossa percepção para o múltiplo dos mundos entre nós e amplificando a consciência? Quanto talento desperdiçado, quanta vida falsa fingindo ser uma coisa que não é. Algo que reúne todas as ironias, todos os paradoxos, todos os sentidos é transformado pelo escritor de província em uma coisinha, em um bichinho morto de pelúcia, um joguinho adolescente que passará como um comichão reprodutivo. O amplo prisma giratório da literatura vira um espelhinho de motorista de caminhão. A fundamental ambivalência querendo a todo custo atingir a plenitude expressiva, que é o mesmo que atingir a vida em sua alma, o sonho em sua matéria, a matéria em sua virtualidade, transforma-se, na mão dos "poetas" e "escritores" de província, num ridículo balbúcio de doentes mentais covardes. A impossibilidade de dizer o máximo, que todo dia nos dilacera, em vez de ser combatida, é alimentada: quanto mais escrevem esses escrevinhadores menos eles dizem, menos eles constroem, menos eles se tornam ou tornam alguém melhor, e mais eles publicam.

A literatura, que é o incansável combate entre textos, vindos de uma leitura encarniçada, onívora e carnívora, precisa dessa leitura para viver: mas o escritor normalmente é um charlatão: ele não lê, ele não lê completamente, ele lê com um vagar medroso, com uma humildade que destrói sua leitura no nascedouro. A literatura como a solitária, complexa e arriscada experiência da singularidade, essencialmente libertária e libertina gerando portais que facilitam a

articulação entre tempos, lugares, experiências e vidas, se torna uma maneira de ganhar prestígio entre os tolos, uma maneira de mostrar inteligência, talento e cultura para idiotas que respeitam cultura, talento e inteligência sem saberem o que é inteligência, talento e cultura: burros enganando burros, antas guiando antas e todos somente com um interesse: mais capim! Sem se tornar um inventor da leitura e da escrita o sujeito não se transforma em escritor: não basta escrever e publicar.

Se nos tornamos escritores de verdade não estamos livres para desistir como pensam sempre os tolos que se dizem escritores: não há como fugir de uma ambição vital, de uma fome que devora o mundo, o universo e não se satisfaz: para o escritor todo limite é um desafio. E com isso ele alarga a vida, o sonho e a revolta contra o insuportável e humilhante peso de existir.

Aqueles poucos que realmente estão escrevendo algo que se pode chamar literatura não escreve numa "região", nem em português, nem mesmo num brasil limitante, enfadonho e ridículo: escreve na literatura, isto é, num rastro de nada, numa ausência. Os outros são escrivães e literatos que publicam coisas ao meio do caminho, incompletas, tragicamente abortadas, onde se pode vê claramente e sem mistério algum, todos os tolos mecanismos literários, os quase métodos, as parcas leituras, a fragilidade do mergulho e da reflexão.

10 - É mais fácil compreender a literatura de Dante, de Proust, de Joyce ou de Rosas do que a chamada "literatura provinciana". É uma coisa impressionante! É um composto bastante complexo onde encontramos sempre as ingenuidades da boa fé e da ignorância; a vontade adestrada e covarde do mundo sonhando ser mais; um destempero técnico, metodológico e teórico; uma crença piegas em tudo aquilo que é já feito, já pensado, já vivido, já escrito; a admiração, por um círculo de poetas e escritores do "Estado", da "Nação", do "Povo", da "Língua", da "Literatura"; um fundamento e uma manifestação facistóide por aderir a bandeiras, hinos, emblemas, símbolos e amizades que os tomam sempre frágeis e alegres puxa-sacos, inábeis e espertas presas dos poderes dos estados e municípios: assim todos se completam; uma quase-escrita que é um verdadeiro monstro numa feira de variedades: não se diz ali nada mais que o senso comum; a fezinha ridícula e domingueira; o corpinho adolescente e seus probleminhas; rimas das mais chulas; frases de inacreditável primarismo; escrita de "segundo grau" num conjunto que não passaria por uma professorinha primária mais atenta ao seu estropeado machadinho; artificialismo levado ao esquematismo de periferia; nada tem consistência ou é inteiriço ou luta pela unidade; nenhuma análise ou interpretação convincente: imitações rasteiras; ali não se sente a missão de escrever; extrema desespirtualização; capacidade zero de reviver qualquer "realidade"; não há nenhuma convicção especial transparecendo; tudo está fora dos domínios da sensibilidade: são róis de lavadeira, recados de empregada adomesticada; não há amor, prazer ou paixão desvairada; nenhum elo se prende ao outro com clareza ou densidade; sem "unidade de composição", estrutura ou ritmo; disformidade, dessimetria e imotivação; sem estilo, o prosaico é levado ao mais chulo extremo; sem concepção estética ou filosófica não há música; sem ossos, não há músculo, carne ou pele.

Para esses escritores, a literatura é igual a sua fezinha dominical; igual ao mundinho; igual ao seu joguinho de futebol e aos fogos que solta depois; igual ao pãozinho e seu gostinho de sempre; igualzinho ao sexozinho com a esposa, a prostituta ou a namoradina: a mesma monotonia ridícula dos que não ousam e

pensam ousar, dos que não ferem mas pensam ferir, dos que não violam mas pensam violar; igual às continhas de todo mês; igual ao seu salário conformado com a exploração; igual a tudo que o cerca e aos de seus pobres desejos ainda não testados pelo universo de nenhuma libertinagem séria ou palhaça. É sempre um sonho de adolescente integrado, aquele que não degolou o pai e não violentou a mãe, picando-a depois como a um tubérculo; que não incendiou a casa e assassinou os amigos e os irmãos; que não lutou pelo mais, pelo não, pelo corte, pelo além que caracteriza qualquer aspecto daquilo que pode ser chamado dissolução, mas que na verdade é a literatura: um traço de nada, de revolta, de sonho estranho e perverso, algo que começa depois que tudo termina, sempre em outro lugar. Mas aqueles que acreditam naquilo que todos acreditam não podem criar algo que não seja um objeto, uma coisa, uma forma, um conteúdo, uma mensagem, um significado: a literatura é o avesso dessa coisificação: é a criação de um não-corpo, um não-objeto, uma não-forma, um não-conteúdo, de uma não-mensagem, de um não-significado, de um fluir sentido por dentro ao fluir. E isso não é coisa moderna: a lição para vocês foi uma derrota: o moderno é somente quando o que sempre se fez passou a gritar como fazia: não sejam anti-modernos: toda literatura sempre, mesmo quando não existia ou se considerava literatura, foi sempre exatamente igual àquela que os modernos disseram fazer: Joyce e Dante, Rosas e Vieira, Rubião e Homero, Graciliano e Rimbaud são apenas aspectos de uma mesma raiva, de uma mesma paixão, de uma mesma loucura, de uma mesma exasperação, de uma mesma infâmia escorrendo feito palavra, sem criar instituição, poder, imobilidade ou fluxo. Esqueçam língua, pátria, corpo ou razão: e virá a literatura como uma doença infecciosa: e, felizes, morram nela!

11 - Como saber se um texto tem ou não "valor literário"? Como saber se um texto é realmente literário ou não passa de uma impostura? A *gramática* (normalmente o gramaticamente "correto" carrega uma boa dose de servilismo!) não pode ser aquilo que vai decidir sobre o "valor literário": a gramática é um ordenamento de poder, um círculo do já feito, do conhecido e reconhecido: a literatura vai sempre além desse círculo e seu limite; a *língua* também não pode decidir: a literatura é indiferente à língua: ela é somente um dos seus suportes: não importa em qual língua a virtualidade literária se configure: ela não marca essa virtualidade; a *região* também em nada afeta o nascimento ou florescimento de uma obra, podendo, quando muito, fazê-la definir por enquadrá-la a um pequeno significado vivencial, a um comodismo provinciano; uma *tradição* também não pode servir de parâmetro literário, pois a literatura sempre se fez a um passo depois das tradições, apesar de servir-se delas como nossa fome de um pedaço de carne; *gênero* também não interessa: a grande literatura não pertence a nenhum gênero específico: não existe literatura negra ou branca, heterossexual ou homossexual, macho ou fêmea, moral ou imoral, infantil ou adulta, desenvolvida ou subdesenvolvida, prosa ou verso: o que há é literatura ou não literatura [parece que ninguém mais sabe o que é literatura e qualquer um que escreve é chamado de escritor]; a *história da literatura* também não pode contribuir: as obras nascem sempre antes das outras obras de uma história: a origem de uma verdadeira obra literária é sempre anterior às suas "influências"; a *economia* também não resolve a questão: as classes sociais, a riqueza, o capital, a exploração, a mais valia, o roubo, o poder, a miséria, a história, os partidos, a política, o governo: nada disso cria ou impede a criação de uma grande literatura ou de uma grande obra: o "valor literário" não é uma consequência, em "última instância", das determinantes econômicas. Então como saber se uma obra tem valor literário ou não?

Todas as obras de real valor literário possuem algo em comum: todas elas partem, sempre com um espírito de negação, de uma filosofia (F), de uma estética (E) e de uma visão de mundo (V) e constituem, em seus labirintos, uma visão de mundo própria, uma outra filosofia e uma nova estética: mas esses elementos só servem naquele universo, naquelas obras específicas: dali não nascem mais obras, a não ser como pastiches, reproduções de segunda mão, como em quase todas as obras provincianas: são reproduções simplificadas dos esquemas, das visões, das facilidades visíveis de uma obra, daqueles elementos que o poder difunde como qualidade e valor.

Mas ainda mantemos o mesmo problema: como saber se um texto tem ou não "valor literário"? É um longo caminho. Toda obra realmente literária gera uma rede de galerias onde se formatam em movimento sua FEV: cria-se uma espécie de "virtualidade singular" e uma forma de "virtualidade social". Há um intrincado virtual que é preciso levar em conta antes das análises do leitor, da língua, do estilo, dos discursos, dos gêneros, das formas, das estruturas, das funções. Precisamos, enquanto hermenêutas da obra literária, pensar sobre a FEV que propõe. É a partir desses componentes (FEV) que poderemos estabelecer se uma obra, em seus fundamentos, é somente uma reprodução sem valor, porquê mil vezes dita e dita mil vezes melhor, de uma "escola" qualquer, de um "autor" qualquer.

Uma "obra limite" sem história, sem personagem, sem lugar, sem perspectiva, sem narrador, sem temporalidade pode estruturar uma FEV inigualável. Sua significância nascerá da importância não do estilo, não da gramática, não da tradição, não da língua, não do gênero mas da sua específica FEV. Esse é um começo porque nenhuma obra literária se resume a sua FEV. Mas é dela que retira toda a sua força, toda a multiplicidade que devora as outras obras e exige a multiplicação da leitura e da interpretação; é dela que nasce nossa admiração, nosso amor, nosso espanto, nossa busca, nosso desejo, nosso olhar, nossa leitura. Fazer literatura não é somente escrever, contar uma história, construir um estilo: é criar uma FEV, é constitui-la com toda a nossa singularidade, com toda a sinceridade, coragem e unicidade que nos for possível. Como essa FEV pôs ao seu serviço um estilo, uma gramática, uma tradição, um gênero, uma história, uma língua é a nossa grande questão. Uma virtualidade singular que, para existir, precisa de uma outra voz, uma outra forma, uma outra perspectiva.

Daí porque é impossível para o artista ser "normal" e escrever (ou pintar ou esculpir ou criar qualquer coisa realmente em arte). Gerar filhotes, obedecer à família, entender o governo, participar de um partido político, sentir-se honrado por estar trabalhando ou estudando, amar pai e mãe, amar uma mulher ou à mulher sobre todas as coisas, defender a pátria, chorar de emoção com a bandeira, respeitar alguma coisa, gostar daquilo que todo mundo gosta, assistir televisão, gostar de programas de auditório e novelas, ler os autores da moda, ler os autores respeitados pela "escola" e pela "academia", desejar aquilo que todo mundo deseja e tolices do gênero são sintomas de uma quase FEV massificada que está há muito estabelecida, servindo somente a um mundo ridículo e cada vez mais pobre e fascista. Um escritor é aquele que, antes de tudo e depois de tudo, cria uma FEV própria, singular, como maneira de ver, sentir, dialogar, desejar e sonhar, viver e morrer.

Aqui resolvemos a nossa questão? Não! Para desalinarmos um bom pedaço desses fios é realmente preciso muito caminho e muita tinta. Aqui é somente um dos mil começos de algo sem começo que tem seu fim exatamente em todos os possíveis começos.

12 - Para a grande maioria dos leitores, e até mesmo dos críticos, existe uma só e mesma e grande Literatura. Essa grande Literatura se distingue por ser feita por línguas diferentes, povos diferentes, costumes e culturas diferentes. É a multidão dos que não sabem que existe também uma *literatura*. São duas: uma, a Literatura, se divide por gêneros, é feita em prosa ou verso, pertence a uma língua, a uma cultura, tem escritores, pode ser estudada calmamente por professores de letras e de línguas; é escrita por homens, mulheres ou homossexuais; negros ou brancos ou amarelos ou vermelhos; jovens ou velhos; doentes ou sãos; de ilhas, continentes, cidades ou campos: nasce de um gênero, de uma cor, de um lugar: uma máscara sobre uma máscara sobre uma máscara, e se plasma numa máscara sem face por dentro.

A chamada "Literatura Brasileira" (católica demais, cristã em exagero, subserviente em excesso, filosófica e esteticamente sempre burra e atrasada demais, cavalarmemente capacho de governos e poderes!) é quase somente Literatura: palavras numa língua, costumes numa cultura, referência de um mundo pré-determinado, contação de história: é algo que não voa ou tenta voar como um imenso avestruz afoito mas tímido demais para ver que para voar é preciso algo mais que olhos vendados, vergonha e covardia. Falta intensidade.

Mas a nossa *literatura* existe. Não vivemos somente de Literatura. O Brasil produziu quase inteiramente Literatura: aquela que é lida nas escolas, aquela que é filmada, aquela que vende, aquela que é indicada, aquela que diz "a nossa alma". Coisinha do espírito dos pobres, dos covardes, dos inferiores (já não há, entre vocês brasileiros, um "complexo de inferioridade", mas inferioridade mesmo, gritante, dolorosa, estridente). E até mesmo a *literatura* de vocês é fraquinha, é covardezinha, é quase um espelinho, quase um puxadinho, quase boazinha, quase interessantezinha: dá até uma peninha, uma vontadezinha de acarinhar o pelamezinho do animalzinho trístico.

Mas qual a diferença entre a Literatura e a *literatura*? Vejamos. Porque não é uma questão de língua, de "momento histórico", de cultura, de amadurecimento ou tolices do gênero. Vejamos.

A Literatura é um espelho; por trás desse espelho só tem a parede: é reflexo, é superfície pintada: nele Alice não entra, não penetra e não é penetrada conforme seu íntimo mais desejo. A *literatura* não reflete, não representa, não reproduz: ela não é um espelho, não é espelho de nada, se parece espelhar é somente ilusão. A *literatura* é *espelhamento*, isto é, além de refletir o mundo circundante, como fantasmas em claro escuro, faz pressentir que algo se move por traz, algo vive e se agita além da nossa imagem e das imagens do mundo: multiplica e faz se mover. Além das palavras: a *literatura* não escreve com palavras: elas são apenas um artifício para semi-esconder (ou nos proteger?) aquilo que se move do outro lado, ou aquilo que existe do outro lado, pelo avesso. A *literatura* é fazer sentir aquilo que se move do outro lado. Enquanto a Literatura é somente uma história contada com palavras. Alice atravessa o espelhamento que ali é chamado de espelho por falta de um outro nome. Mas o que se move atrás e além do espelhamento não é aquele mundo de Alice, não é um conto de fadas: o

espelhamento não é atravessável: do outro lado podemos apenas pressentir existência, movimento, algo que escuta, algo que respira, algo que deseja e sonha: e esse algo, estranhamente, diz respeito intimamente a cada um que chegue perto.

A *literatura* não diz o visível, o institucionalizado, o já recortado, o social, como a Literatura; diz aquele fluxo discursivo vivencial que está entre o caos e a Virtualidade. A *literatura* diz aquilo que ainda não foi dominado, dito ou que pode ser dito: um fluxo que atravessa livremente tanto o informe do caos quanto a essência e a vivacidade do formatado. Por isso a *literatura* nos toca tão intensamente, tão profundamente, por isso ela não nos conta uma história: ela somente nos aproxima cada vez mais dessa coisa do outro lado, dessa coisa que corre entre nós, dessa coisa que somente em momentos extremos e intensos da vida, momentos perversos e estranhos, nos aparece com sua face sem palavras.

O escritor é o trabalhador da Literatura enquanto o *libertino* é aquele que faz deslizar intensamente a *literatura*.

13 - Como distinguir o charlatão (não o picareta - que é o charlatão que sabe que é charlatão) das letras? Como saber que um poeta, um contista, um romancista é realmente aquilo que ele e alguns ao seu redor dizem que ele é? Como separar o verdadeiro artista daquele que é apenas uma cópia deformada e simplória? Como saber se aquilo ali escrito é realmente literatura e não uma reprodução ridícula do existente? Normalmente não podemos saber, mas uma coisa é fundamental para uma consciência literária: ter se preparado a vida inteira, intensa e obsessivamente, para a escrita e seu mundo. Mas como saber que esse mundo criado por nós é realmente um mundo legitimamente literário? É preciso leitura e é essa leitura que nos dará um dos parâmetros para a compreensão e o valor daquilo que fazemos. Por isso, aqui darei uma lista de autores que, se lidos, serão uma garantia de que estamos no caminho certo, de que sabemos o que estamos fazendo, de que não somos charlatões ou picaretas. Não é uma lista definitiva ou que deva ser seguida, mas que sem ela ter sido devorada, assimilada e superada o escritor não estará escrevendo coisa com coisa, ou somente se enganando e enganando os outros mais ignorantes que ele. Estará repetindo burramente.

Não é um *paideuma*, uma lista dos poucos essenciais, mas uma lista de formação, isto é, sem ela o escritor não possuirá uma formação básica para constituir seu texto e ter consciência literária suficiente para saber a direção da sua escrita, o valor inicial da sua escritura (o tempo do Éden passou!).

Vejamos nossa lista mínima de autores, e alguns livros: Gilgames, Bíblia, As Mil e uma Noites, Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes, Platão, Ovídio, Petrónio, Agostinho, Dante, Boccaccio, Casanova, Pirandello, Ungaretti, Buzzati, Pavese, Svevo, Guareschi, Calvino, Quevedo, Góngora, Cervantes, Lope de Vega, Calderon, Lorca, Borges, Cabrera Infante, Neruda, Paz, Lezama, Cortazar, Marques, Chaucer, Shakespeare, Donne, Milton, Swift, Defoe, Fielding, Sterne, Blake, Dickens, Lewis Carroll, Wilde, Stevenson, Dickinson, Whitman, Melville, Poe, Henry James, Twain, Yeats, Shaw, Hardy, Conrad, D.H. Lawrence, Virginia Woolf, Joyce, Beckett, Auden, Pinter, Orwell, Pound, Eliot, O'Neill, Fitzgerald, Faulkner, Hemingway, Steinbeck, Bellow, Pynchon, Singer, Villon, Montaigne, Rabelais, La Fontaine, Moliere, Pascal, Rousseau, Voltaire, Diderot, Sade, Balzac, Hugo, Nerval, Stendhal, Flaubert, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Lautréamont, Proust, Gide, Céline, Genet, Jarry, Sartre, Camus, Malraux, Ionesco, Artaud, Duras, Yourcenar, Erasmo, Goethe, Schiller, Hölderlin, Hoffmann, Büchner, Heine,

Nietzsche, Rilke, Broch, Kafka, Brecht, Mann, Döblin, Musil, Bernhard, Canetti, Dürrenmatt, Ibsen, Strindberg, Kundera, Puchkin, Gogol, Turquenev, Dostoievski, Tolstoj, Chekov, Maiakovsky, Kavafis, Seferis, Kazantzakis, Vieira, Eça, Pessoa, Saramago, Pompéia, Machado de Assis, Euclides, Lima Barreto, Graciliano, Drummond, Rosa, Rubião, Suassuna, Nava.

Essa lista não é exaustiva, principalmente porque é "ocidental" (nem é para ser seguida ou admirada, mas superada pela leitura e com uma obra pessoal), mas pode servir de parâmetro mínimo para o charlatão saber (se não leu ou leu de raspão ou somente leu alguns) que é um charlatão, podendo criar vergonha e ir ler ou continuar na senda do crime de burrice militante; ou ainda se transformar em picareta. Ter lido esta lista mínima nos capacita, minimamente, a responder as perguntas iniciais.

Ainda se acredita numa "literatura parnasiana", numa poesia "vinda do coração e das emoções", numa expressão literária "dos sentimentos e da vida", numa arte que "vem de dentro". É de uma ingenuidade, de uma tolice, de uma falta de vergonha sem limites. O resultado é sempre um puxadinho ridículo, uma coisinha sem razão de existir: tudo de um provincianismo doloroso, de uma adolescência inescapável. No entanto essa coisa informe, fraca e pobre é publicada a todo instante nos jornais, em livros, em coletâneas seja pelo próprio autor seja pela proximidade com o poder, que o defende como a um cão caseiro.

Acreditam, os pobres escritores desta terra, que para se tornar um escritor e escrever literatura basta sentar e escrever; basta se acreditar alfabetizado; basta um comichãozinho entre um filho e um horário de trabalho; literaturas dos feriados e fins de semana; basta ter amigos no poder para publicar suas asneiras; basta ter lido um Bilacquinho, um Montelozinho, um Coelhoinho, alguma seleta secundarista, jornais e algumas raras revistinhas, ou não ter lido ninguém (para não afetar o "estilo" da cavalgada). Não! A literatura é muito mais difícil, muito mais complexa, muito mais profunda que qualquer curso universitário. E além da lista de escritores obrigatórios existe toda uma longa bibliografia teórica sobre literatura que é absolutamente necessária.

Um escritor não se faz com simples amadorismo, com leituras de segunda mão, com pouquíssima leitura, com uma vida integrada no mundo como uma barata ao esgoto. Não! A literatura é outra coisa.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

*ver a palavra
como um gato
a cigarra*

*dar o bote
na hora exata*

*devorar o canto
até o silêncio*

*com o que restar de vôo
aguçar as presas
apagar as pistas*

CARLOS MOREIRA